

O CRAVEIRO - DA JANELA -



Prata

AUGUSTO GIL



O CRAVEIRO
DA JANELA

Pelo. gis

Tipografia da EMPRÉSA DIÁRIO DE NOTÍCIAS
Rua do Diário de Notícias, 78 — LISBOA

I

Como o assunto me tocar,
Falo de riso ou de mágoa.
Canta o melro no pomar,
Nas fontes soluça a água.

IV

Olhos negros. Clara tez.
Negros olhos. Níveas mãos.
Tão negros! Andam talvez
De luto, por dois irmãos...

V

Não há nunca amor perfeito
Sem tortura e sem cuidado.
Amar é ter Deus no peito,
Outra vez crucificado...

IV

Olhos negros. Clara tez.
Negros olhos. Níveas mãos.
Tão negros! Andam talvez
De luto, por dois irmãos...

IX

Solteirinha é bom que agrade,
Mas com virtude na graça...
Seja uma porta de grade,
Vê-se tudo — e não se passa.

VIII

Por eu ser pobre sorrias
Da minha má condição.
Voam alto as cotovias
— E fazem ninho no chão...

IX

Solteirinha é bom que agrade,
Mas com virtude na graça...
Seja uma porta de grade,
Vê-se tudo — e não se passa.

VIII

Por eu ser pobre sorrias
 Da minha má condição.
 Voam alto as cotovias
 — E fazem ninho no chão...

Se eu fosse as pedras mansas
 Lá da terra alonde estás,
 As pedras seriam penas,
 As penas que tu usas...

XIII

A galera «Mocidade»
 Que eu levei a correr mundo
 Foi ao fundo, foi ao fundo
 No mar largo da saudade!...

Quando a vida volta
 De que te vai voltar,
 Torna para mim
 Torna para mim...

XII

Pediste-me (indiferente,
De gèlo...) versos de amor.
Cigarras, cantam sòmente,
— Sòmente quando há calor.

XIII

A galera «Mocidade»
Que eu levei a correr mundo
Foi ao fundo, foi ao fundo
No mar largo da saudade!...

XII

Podiste-me (indiferente,
De gèlo. . .) versos de amor.
Cigarras, cantam sòmente,
— Sòmente quando há calor.

III

Um tempo não se sou
Se não se dá a água,
Mas não se dá a água,
— Não se dá a água.

IV

Um tempo de chuva,
Mas não se dá a água,
Mas não se dá a água,
— Não se dá a água.

XVII

Dona Clarinha da Graça
Do solar de Mirálem,
A gente passa e repassa
E nunca lá vê ninguém!

XVI

Ambição e desengano...
O mal e o contra-veneno...
Ao dia maior do ano
Segue-se outro mais pequeno.

XVII

Dona Clarinha da Graça
Do solar de Mirãlem,
A gente passa e repassa
E nunca lá vê ninguém!

XVI

Ambição e desengano...
O mal e o contra-veneno...
Ao dia maior do ano
Segue-se outro mais pequeno.

XXI

Eu tirei-te o meu chapéu.
Depois falámos a medo.
Quanto ao mais que aconteceu,
Não conto, porque é segredo.

XX

Merque bom chapéu quem manda
E neja quem obedeça.
O chapéu dos pobres anda
Mais na mão que na cabeça...

XXI

Eu tirei-te o meu chapéu.
Depois falámos a medo.
Quanto ao mais que aconteceu,
Não conto, porque é segredo.

XX

Merque bom chapéu quem manda
E neja quem obedeça.
O chapéu dos pobres anda
Mais na mão que na cabeça...

XXV

São os dois peitinhos dela
Outeiros de lindo cume.
Trago lá de sentinela
Num o amor, noutro o ciume...

XXIV

Bravia? Antes o fôsses.
Na silva brava, os espinhos
Arranham, mas são vizinhos
De amoras tenras e doces...

XXV

São os dois peitinhos dela
Outeiros de lindo cume.
Trago lá de sentinela
Num o amor, noutro o ciume...

XXIV

Bravia? Antes o fôsses.
Na silva brava, os espinhos
Arranham, mas são vizinhos
De amoras tenras e doces...

Senhora, lírio divino
Posto em chão de giesta brava,
Êste velho é o menino
Por quem minha Mãe rezava...

XXVIII a XXXII

Oh! Senhora de Milêu
Que estás num degrau da serra,
Tão pèrtelinho do céu
E tão chegadinha á terra...

Senhora, lírio divino
Posto em chão de giesta brava,
Êste velho é o menino
Por quem minha Mãe rezava...

XXVIII a XXXII

Oh! Senhora de Milêu
Que estás num degrau da serra,
Tão pèrtelinho do céu
E tão chegadinha á terra...

XXXIII

Pedaços de espelho são
Espelhos do mesmo modo...
Reparte o meu coração
E em cada parte irás todo!

Quem agora te alumia
Não são as velas do altar,
— É a sagrada alegria
Duns noivos que vão casar...

XXXIII

Pedaços de espelho são
Espelhos do mesmo modo...
Reparte o meu coração
E em cada parte irás todo!

Quem agora te alumia
 Não são as velas do altar,
 — É a sagrada alegria
 Duns noivos que vão casar...

III

...
 ...
 ...
 ...

XXXVII

Se com riquezas te prendes,
 Pouco vale o teu deleite...
 Até a Mofina Mendes
 Teve o seu pote de azeite!

XXXVI

Vi-te as pernas da ladeira
Quando regavas o alfobre,
Córaste como a roseira
Quando de rosas se cobre...

XXXVII

Se com riquezas te prendes,
Pouco vale o teu deleite...
Até a Mofina Mendes
Teve o seu pote de azeite!

XXXVI

Vi-te as pernas da ladeira
Quando regavas o alfobre,
Córaste como a roseira
Quando de rosas se cobre...

XLI

Há um cantinho que encerra
O segredo de amar bem.
E' Portugal, minha terra,
Minha terra e minha mãe!

XL

Um conselho: seja franca
E diga tudo a seus pais.
A côr da pureza é branca,
O branco mancha-se mais...

XLI

Há um cantinho que encerra
O segredo de amar bem.
E' Portugal, minha terra,
Minha terra e minha mãe!

XL

Um conselho: seja franca
 E diga tudo a seus pais.
 A còr da pureza é branca,
 O branco mancha-se mais...

XLV

Senhores, houvesse espelhos
 Para ver o que pensámos,
 E beijáveis de joelhos
 Toda a lama que pisámos...

XLIV

Senhoras, se o que pensais
Deixasse vestígios claros,
Os divórcios eram mais
E os casamentos bem raros...

XLV

Senhores, houvesse espelhos
Para ver o que pensâmos,
E beijaveis de joelhos
Toda a lama que pisâmos...

XLIV

Senhoras, se o que pensais
 Deixasse vestígios claros,
 Os divórcios eram mais
 E os casamentos bem raros...

Dei para o tempo
 A minha vida
 Para que me fosse
 Que não fosse assim!

XLIX

O tempo a mim não me faz
 Saudade, quebras de esperança;
 Quem passa a ver para trás
 — Nem caminha, nem descança...

XLVIII

Se um astro fulgisse no ar
Por cada pena das minhas,
Juntavam-se as estrelinhas
Como as areias do mar...

XLIX

O tempo a mim não me faz
Saudade, quebras de esp'rança;
Quem pasma a ver para trás
— Nem caminha, nem descança...

XLVIII

Se um astro fulgisse no ar
 Por cada pena das minhas,
 Juntavam-se as estrelinhas
 Como as areias do mar...

LIII

Dim-dim-dim, canta a «garrida»
 Nas torres da sé da Guarda.
 Vai a vida de fugida
 E o meu bem tanto me tarda!...

LII

Deixei de ouvir, de falar,
E preguntaste o motivo.
Não vês que tudo, ao luar,
Tem um ar meditativo...

LIII

Dim-dlim-dim, canta a «garrida»
Nas torres da sé da Guarda.
Vai a vida de fugida
E o meu bem tanto me tarda!...

LII

Deixei de ouvir, de falar,
E preguntaste o motivo.
Não vês que tudo, ao luar,
Tem um ar meditativo...

LVII

Das minhas, estremarei
As terras do meu amor.
Por divisórias, a lei
Permite sebes em flor...

LVI

Fiz desvarios, mas não
Tantos como andam na fama.
Minha amiguinha, perdão!
Perdoa sempre quem ama...

LVII

Das minhas, estremarei
As terras do meu amor.
Por divisórias, a lei
Permite sebes em flor...

LX

Lar pobresinho, mas terno.
Para o meu é êste plano:
Que entre lá o sol de inverno
— E a paz de Deus, todo o ano...

LXI

A luz do luar que diria
Se falasse para alguém?
Esta palavra: Maria,
O nome de minha Mãe...

LX

Lar pobresinho, mas terno.
 Para o meu é este plano:
 Que entre lá o sol de inverno
 — E a paz de Deus, todo o ano...

LXV

mar do amor... Barco veleiro...
 bandeiras de toda a côr...
 eita a sonda, marinheiro,
 — Terá fundo o mar do amor?!...

LXIV

Fui ao Senhor do Bomfim,
Fui-lhe pôr um lindo ramo,
P'ra que Éle me ponha a mim
No coração de quem amo...

LXV

Mar do amor... Barco veleiro...
Bandeiras de toda a côr...
Deita a sonda, marinheiro,
— Terá fundo o mar do amor?!...

LXIV

Fui ao Senhor do Bomfim,
 Fui-lhe pôr um lindo ramo,
 P'ra que Êle me ponha a mim
 No coração de quem amo...

LXV

Óh! e não se esqueça
 Presença do Senhor
 Com o corpo do Senhor
 Poder e a sua...

LXVI

Depois de tudo
 Não se esqueça
 O corpo do Senhor
 Poder e a sua...

LXIX

Sou como a cruz da capela,
 Sempre allaneira e patente.
 Tu és como a sombra dela
 Que muda continuamente...

Ando ao meu trabalho entregue
Sem que o bem d'outros inveje.
Eu só quero pão que chegue
E alegria que sobeje...

LXIX

Sou como a cruz da capela,
Sempre altaneira e patente.
Tu és como a sombra dela
Que muda continuamente...

Ando ao meu trabalho entregue
Sem que o bem d'outros inveje.
Eu só quero pão que chegue
E alegria que sobeje...

LXXIII

Eu dava, por ver tombada
A tua altiva ambição
(Quem é pobre, não tem nada)
Eu dava-te... o meu perdão!

LXXII

Milagre que a divindade
Em tua honra, nos fez:
Graça, Beleza, Bondade
Juntaram-se todas três!

LXXIII

Eu dava, por ver tombada
A tua altiva ambição
(Quem é pobre, não tem nada)
Eu dava-te... o meu perdão!

LXXII

Milagre que a divindade
Em tua honra, nos fez:
Graça, Beleza, Bondade
Juntaram-se todas três!

LXXVII

Eu de ti não tenho zelos
Porque já sei como és
Desde as pontas dos cabelos
Até ás unhas dos pés...

LXXVI

O luar brando, brando arminho,
Entrou no quarto e falou-me.
Pôs-se a dizer-me baixinho
A doçura do teu nome...

LXXVII

Eu de ti não tenho zelos
Porque já sei como és
Desde as pontas dos cabelos
Até ás unhas dos pés...

LXXVI

O luar brando, brando arminho,
Entrou no quarto e falou-me.
Pôs-se a dizer-me baixinho
A doçura do teu nome...

LXXXI

Amor é côr de luar,
Esperança é de côr verde,
Sobe o fumo para o ar,
Mas é no ar que se perde...

LXXX

Lá vem a Anita Silveira
Que não socega um momento.
A mãe seria bandeira ?
Seria o pai catavento ?...

LXXXI

Amor é côr de luar,
Esperança é de côr verde,
Sobe o fumo para o ar,
Mas é no ar que se perde...

LXXX

Lá vem a Anita Silveira
Que não socega um momento.
A mãe seria bandeira?
Seria o pai catavento?...

LXXXV

O ser feliz, afinal,
Neste pouco se contém:
Extraír do nosso mal
Alguma soma de bem...

LXXXIV

Lembra-me sempre com pena
A casinha em que vivia.
Nenhuma casa é pequena
Se está cheia de alegria!...

LXXXV

O ser feliz, afinal,
Nêste pouco se contém :
Extraír do nosso mal
Alguma soma de bem... .

LXXXIV

Lembra-me sempre com pena
 A casinha em que vivia.
 Nenhuma casa é pequena
 Se está cheia de alegria!...

LXXXIX

Eu sonhei que fiavas linho
 Numa roca de marfim,
 A balançar um bercinho
 Encomendado por mim...

LXXXVIII

Nem uma fonte despede
Essa frescura, mulher.
E estou mortinho de sêde,
— Quem te pudesse beber!...

LXXXIX

Eu sonhei que fiavas linho
Numa roca de marfim,
A balançar um bercinho
Encomendado por mim...

LXXXVIII

Nem uma fonte despede
Essa frescura, mulher.
E estou mortinho de sêde,
— Quem te pudesse beber!...

XCIII

Pus o meu espelho em frente
E vi-te, em vez de me ver!
O valor disto, sòmente
O entende quem fôr mulher...

XCII

Mãe que ao seu menino beija
Os lábiosinhos em flor,
Comunga como na Igreja,
Recebe Nosso Senhor...

XCIII

Pus o meu espelho em frente
E vi-te, em vez de me ver!
O valor disto, sòmente
O entende quem fôr mulher...

XCII

Mão que ao seu menino beija
 Os lábiosinhos em flor,
 Comunga como na Igreja,
 Recebe Nosso Senhor...

*Bebe as abelhas da maná
 Um rosário em beija
 Oito abelhas quando ele
 Bebe e dá-se ao ar...*

XCVII

Há mel nos olhos que deita
 Vespas nas falas que dá.
 Mel com abelhas de espreita
 Bebe-o outra. Eu não vou lá...

*As vespas de mel
 Comungam no beija
 Com a mão, ele dá
 E um beija lá...*

XCVI

O teu olhar, meu amado
(Assim tua amada eu fôsse...)
Tem a côr do mel doirado,
Como não há de ser doce!

XCVII

Há mel nos olhos que deita
Vespas nas falas que dá.
Mel com abelhas de espreita
Beba-o outra. Eu não vou lá...

C

Cem cantigas te compus.
Teem riso e teem mágoa,
Riso dum feixe de luz
A alegrar lágrimas de água...



Livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Obras de Augusto Gil

Luar de Janeiro.

O Canto da Cigarra. Satyras ás mu-
lheres.

Sombra de Fumo.

Alba Plena, vida de Nossa Senhora.

Versos.

Gente da palmo e meio, estudos sobre
creanças.